

ALONA KIMHI

# VICTOR E MACHA

Tradução de Joana Cabral

Este livro, as personagens e os nomes citados são fruto da imaginação da autora. Qualquer semelhança com histórias ou acontecimentos reais, assim como com pessoas vivas ou mortas e nomes existentes, não passará de mera coincidência.

*Para Yizhar*

## INQUIETUDE

*Este é um lugar de desafeição  
O tempo antes e o tempo depois  
Numa luz sombria: nem luz do dia  
Investindo a forma de lúcida quietude  
Transformando a sombra em efémera beleza  
Com vagarosa rotação sugerindo permanência  
Nem escuridão para purificar a alma  
Esvaziando o sensual pela privação  
Purificando a afeição do temporal.  
Nem plenitude nem vazio.<sup>1</sup>*

T.S. ELIOT

---

<sup>1</sup> Tradução de Maria Amélia Neto, in *Quatro Quartetos*, Lisboa: Edições Ática, 1983.  
(N. da T.)

# 1

Cuidado com os desejos que formulam – dizem os sábios –, pois podem realizar-se. Os piores desejos são os que contêm em si algo de desilusão. É por isso que ela os escolhe sempre com muita atenção. Só que bastava que incluíssem Victor para que ela tivesse a certeza de que acabariam em catástrofe.

Hoje, ela terá de abdicar dele. Continuar com Catherine como se não tivesse acontecido nada. Apesar de parecer colada à janela da sala, de olhos cravados na rua. Bem, chamar «rua» àquele pequeno beco sem saída, estreito, flanqueado de ambos os lados por três edifícios de quatro andares, era um bocado exagerado. O prédio do fundo era o único com oito andares, o que o transformava num arranha-céus à escala local e num polo de atração para as crianças da vizinhança, porque tinha um elevador.

Todas as ruas dos bairros dos novos-imigrantes tinham nomes de escritores israelitas desconhecidos: Burla, Agnon, Brenner, Tchernikhovsky. O facto de o apartamento atribuído a Catherine pela Agência Judaica se situar na ruela com o nome de Sholem Aleichem, único escritor que Macha não só conhecia mas de quem também lera todos os livros, era um prenúncio de sucesso para as suas novas vidas.

A luz do sol de fevereiro que inundava o espaço dava ao ar invernal uma claridade resplandecente. Até o cinzento esfarrapado das paredes parecia mais vivo do que de costume, e ela conseguia reencontrar nas fachadas algo parecido com a sóbria vivacidade que notara no dia em que as vira pela primeira vez. Todos aqueles edifícios

(construídos com perpianhos exatamente como casas de lego) eram designados pelos habitantes, com toda a simplicidade, por «blocos» ou «barras».

No terraço do prédio vizinho, mesmo à sua frente, viu o jovem Hermann Dissentchik: em tronco nu, sacudia a cabeça, completamente entregue ao movimento, os cabelos a taparem-lhe o rosto enquanto os braços, coordenados com as ancas esqueléticas, reproduziam com uma impressionante precisão os gestos de alguém a tocar guitarra elétrica. Esta performance pública era executada ao som de um solo do grupo Uriah Heep, enquanto pelas janelas do quarto saíam notas cuja estridência metálica rasgava o ar preguiçoso. Ela deduziu que ainda não eram quatro horas da tarde. Às quatro, os pais de Hermann regressavam do trabalho, o que obrigava o filhote a pôr de parte a sua criatividade para se dedicar a tarefas mais convencionais.

Se Victor não chegar no próximo autocarro, pensou, partirei com Catherine sem mais demora.

Sobre as placas de relvado gasto que se estendiam entre as barras de prédios, o dia corria tranquilamente: três georgianas roliças de robe tinham-se instalado no chão, em cima de uma manta, para depenar galinhas degoladas, dispostas num monte ao lado delas, e com um pescoço manchado de sangue que, tombado para trás, parecia mais comprido que o natural. Assemelhavam-se a bailarinas agonizantes. De tempos a tempos, as mulheres levantavam os olhos para a janela de Hermann Dissentchik e abanavam a cabeça deixando escapar uns «ai, ai, ai» de desaprovação.

Sentadas no banco assente no meio da laje de betão que se estendia junto ao prédio dela, as duas velhotas oriundas de Minsk aqueciam-se ao sol, duas irmãs que Catherine apelidava sempre, com um certo desprezo devido à inferioridade provinciana das criaturas, de «minskovitas». Apesar de uma diferença de idade óbvia, pareciam gémeas, por causa do cabelo, que já não apresentava qualquer vestígio da cor de origem, das pernas espessas marmoreadas de veias salientes através das meias elásticas, e dos rostos impenetráveis, marcados por olhos vivos, ávidos por seguirem todas as pessoas que passavam à sua frente. Vestindo uma camisola de

alças branca e suja, Dato Djugachvili, o vizinho do terceiro andar, estava a lavar o seu *Ford* azul-celeste. Com um pedaço de tecido que parecia cortado de um velho vestido da sua mulher, puxava o brilho aos flancos do carro com uma sensualidade impregnada de um grande respeito, e mergulhava de quando em quando o pano improvisado num balde cheio de água com sabão. Na época em que ela ainda morava com os pais, os vizinhos que tinham aproveitado a redução dos impostos (a que tinham direito por via do estatuto de novos-imigrantes) para comprar um carro lavavam-no utilizando uma mangueira que ligavam à torneira pública do prédio. Quando o caso foi descoberto, uma dupla de inspetores municipais apareceu no bairro para explicar aos moradores que o país a que acabavam de chegar sofria de graves problemas de seca.

Sim, nessa época (da sua vida anterior), também ela ajudava o pai a lavar o carro, um presente generoso de Nathanael e de Aharon. Esforçava-se cuidadosamente por não desperdiçar nem uma gota de água, enquanto o desajeitado do Victor era capaz de entornar na faixa de relvado que crescia entre as garagens um balde inteiro sem um único pensamento acerca do nível do lago de Tiberíades. Porquê espantar-se? Victor era um rapaz insuportável. Desde que nascera. Ela sabia-o sem sombra de dúvida. Como fazia ele para continuar a surpreendê-la com a sua incorrigível desenvoltura? Mistério...

Ela mordeu o lábio.

Do outro lado da rua, apoiado num pilar de betão, Vadik Krasner, um jovem soldado, seguia com o olhar o jogo de futebol disputado por um grupo de rapazes, com muitos gritos num russo pejado de palavras em hebraico, pronunciadas com sotaque carregado. Com a beata do cigarro colada ao lábio inferior, vestia a farda com uma indiferença natural: camisa aberta revelando a leve pilosidade do tronco moreno e, nos pés, botas de cano, de atacadores abertos, pesadas e demasiado grandes para ele, como ditava a última moda. Quando ela finalmente descesse para a rua, ele com certeza já não estaria ali, portanto ela não poderia passar à sua frente, indiferente, com a saia de gabardina castanha e a *t-shirt* justa bege compradas no Mashbir de Haifa. De qualquer modo, ela não queria que Vadik

a visse de perto à luz do dia: estava de mau humor e sabia, mesmo sem se olhar no pequeno espelho da entrada, que quando estava tão tensa (estado que nela resultava sempre de uma raiva interior) o seu rosto empalidecia fazendo sobressair as sardas, sobretudo as novas, aquelas que tinham aparecido neste último ano e se estendiam até aos lóbulos das orelhas e ao contorno dos lábios.

Nada a fazer, agora estava claro: o plano, como ela o tinha pensado, não passava de um erro. Mais justo seria dizer que o erro não vinha do plano em si mas da cobardia congénita que a obrigava a satisfazer os caprichos do irmão. E, como sempre quando algo não estava certo, sentiu subir nela, desmultiplicada, a necessidade que tinha sempre de controlar o desenrolar das coisas para conseguir, no papel de marionetista competente, voltar a pô-las no sítio. Porque agora toda a preparação, a precisão cuidada, os últimos retoques, as conversas preparatórias – todos aqueles esforços estavam reduzidos a zero. Aliás, mesmo que tudo voltasse ao normal e que Victor aparecesse, tranquilo, no minuto seguinte, sim, mesmo assim, o plano seria executado com precipitação, com bocados inteiros cumpridos distraidamente. Ela tinha de renunciar ao ritmo de rondó solene que previra para essa tarde.

Vadik notou a presença dela, de pé atrás do vidro, e tendo a sensação de que ele estava a fazer troça, ela virou as costas à janela e fitou Catherine, sentada na mesa grande, frente ao imponente rádio *Riga* preto que pertencia a ambas. Atenta, debruçada como um operador de rádio, manipulava a antena e rodava o botão das estações em todos os sentidos com o objetivo de encontrar um ponto em que as crepitações e os assobios fossem menores, mais afastados, e a voz da locutora se tornasse suficientemente audível para ela conseguir ouvir o boletim informativo em russo.

Também Catherine estava pronta. Perfumada e maquilhada, enchourçada no seu saia-e-casaco de lã azul que, claramente, conviria melhor a outras latitudes. A seda brilhante da sua camisa assomava entre os botões do casaco demasiado apertado na barriga e no peito, e ela respirava com parcimónia, para evitar que um suspiro imprudente fizesse saltar algum. Paradoxalmente, as suas pernas, compridas e de curvas elegantes, pareciam dezenas de anos mais novas do

que o seu rosto de pássaro enrugado e a sua pesada carcaça. O cabelo, que nessa manhã tinha sido cortado e tingido de castanho-arruivado por Macha, luzia ao sol e caía sobre o pescoço numa onda suave, penugenta, como acontecia muitas vezes com os velhotes que não tinham sido depenados pela idade.

Catherine virou-se para ela com uma expressão interrogativa: «Então?»

Macha abriu os braços... para logo os deixar cair ao longo do corpo, confirmando com o seu mutismo a gravidade do contratempo. Que podia dizer? Recuou, apoiou-se contra o parapeito da grande janela corrediça e ofereceu ao sol ardente, cada vez mais forte, a pele da sua nuca, revelada pelos cabelos enrolados num carrapito. Aquele calor não convinha nem ao momento nem à estação. Deitou um olhar inútil para o relógio em gesso dourado pousado no aparador da sala. Quinze e vinte e cinco. Tinham de apanhar o autocarro que as deixaria no cruzamento da estrada suburbana com a do *kibutz*. A seguir, seria preciso mais um bom quarto de hora de caminhada, em passo moderado (impossível não ter em conta o ritmo de Catherine), para chegar ao cemitério.

Uma onda de cólera invadiu-a outra vez, uma onda que ela não tinha vontade nenhuma de controlar. Estava furiosa com o irmão, com a despreocupação revoltante dele, aquele modo de nunca levar nada a sério, que nem sequer se devia a uma tendência natural mas, pelo contrário, pretendia esconder uma angústia fundamental por meio da frivolidade. Aliás, ele renunciava abertamente a que se acreditasse nas suas palavras ou nos seus atos.

A raiva subiu ao paroxismo, transbordou e rebentou como uma bola de sabão. Agora tinha de tomar uma decisão, o que a aliviou – retomava o posto de capitão do barco tumultuoso em que seguiam.

– Vamos embora, avó. Sem ele. Pior para ele. Ele que pense mais no futuro – disse ela em russo.

– Para de dizer asneiras! – A avó desistiu do rádio e desligou-o rodando o botão com um pequeno gesto determinado. – Porque é que és tão má? Não podemos ir sem ele.

– Sim, podemos. Nada mais simples.

Catherine perscrutou o rosto da neta. Um rosto mongol, largo, com lábios pálidos e franzidos. Feia. Irritada. De onde vinham essa impaciência, essa dureza tão pesada de mujiqe? Não devia ceder, bem sabia, mas o confronto com aquela selvagem exigiria dela forças demasiado preciosas para serem desperdiçadas. Além disso, o mais difícil ainda estava por vir: uma sucessão de coisas desgastantes que teria de fazer, uma atrás da outra, enquanto nos últimos tempos preferia poupar-se. Hoje, por exemplo, mal voltara do pequeno mercado com o carrinho de compras sentira vontade de se estender, fechar os olhos, relaxar o corpo extenuado. Sufocava naquele saia-e-casaco de lã, fechada na sala demasiado luminosa, na companhia daquela adolescente dura e magricelas. Que ela não conhecia. Devia tomar conta das coisas, assumir as suas responsabilidades, mas só conseguia sentir um bafo de ar quente cada vez mais forte, e recebeu, até, desmaiar. Apanhou da mesa umas folhas do jornal russo, o *Nasha Strana*, e começou a abaná-las, com a esperança de o silêncio substituir a autoridade verbal requerida.

A neta atravessou a sala a passos largos. Rápidos. Arrancou um pedaço de papel higiénico cor-de-rosa do rolo que fora esquecido no aparador e estendeu-o à avó:

– Toma, limpa-te por baixo do nariz, estás a transpirar.

Desta vez, Catherine não discutiu e enxugou docilmente as gotas de suor. Havia pouco tempo descobrira o prazer de renunciar a encarregar-se das ninharias do quotidiano – fenómeno muito preocupante, pois via aí o resultado flagrante do inelutável progresso da velhice. Doravante, até as facetas mais protegidas da sua pessoa estavam contaminadas.

– Deixa-lhe pelo menos um recado – arriscou ela, com uma falta de convicção notável, antes de se levantar e ajustar a fatiota, puxando o casaco espesso sobre a barriga. – Aliás, devias acalmar-te um pouco. Sabes muito bem que ele vai ficar desolado com o atraso, coitado. Deixa-lhe um recado com o lugar onde estamos e a hora a que saímos. Estás a ouvir?

Havia algo de tranquilizador nas costas musculadas da neta, na

amplitude dos seus gestos quando baixou os estores, empurrou a cadeira para debaixo da mesa, passou a mão na colcha do sofá, colocou um copo de chá vazio no lava-loiça. Uma cerimónia inútil mas determinada que traduzia a sua intenção de se pôr a caminho sem Victor.

– O que é que queres que lhe escreva? Ele sabe onde nos encontrar. Nós é que não sabemos onde ele está. – Macha calou-se e olhou para a avó.

Catherine percebeu uma vulnerabilidade anormal na adolescente e sentiu um aperto no coração perante a grande fragilidade transmitida pelo rosto dela: os olhos pareciam ter-se afastado, deixando entre eles uma zona em carne viva, como que abandonada. Teria gostado de lhe afagar o cabelo, de alisar a madeixa rebelde que escapara do carrapito, mas tinha de conter qualquer marca de afeto embaraçosa. Este dia devia decorrer sob o signo de um equilíbrio delicado entre dureza e doçura. É claro que severidade em demasia também representava um perigo. Um dia dominado por emoções violentas a que se esforçariam por dar a aparência de um simples desejo de ordem, de uma agenda precisa a respeitar.

Na véspera, tinham posto a hipótese de não mandar Victor para o liceu. O rapaz passara o serão deitado na escuridão do quarto deles (Macha nem sequer tivera o direito de acender a luz da cabeceira), com uma luva de banho húmida na testa, mas recusando-se obstinadamente a tomar um comprimido: todos os comprimidos, sem exceção, lhe irritavam o estômago. Apesar deste motivo muito legítimo para ficar em casa a descansar, ele desta vez insistira, contrariamente aos seus hábitos, em ir às aulas. A irmã redigira-lhe portanto uma justificação (assinada por Catherine para manter as aparências), explicando que o rapaz tinha de sair mais cedo da escola por compromissos familiares.

– Há já algum tempo que gosta de ir ao liceu, reparaste? É bom sinal – declarou Catherine.

Na sala de estores corridos, o ar tornava-se cada vez mais sufocante. Pensou na frescura exterior. Imaginou-se a andar pelo braço da neta até à paragem de autocarro. Poderia então desapertar alguns botões do casaco. Agarrou na mala e avançou para a porta.

– E por que raio é bom sinal? – insurgiu-se logo Macha, com as narinas a vibrar. – Quero que me digas porque é que é bom sinal! Porquê, hum, diz-me lá, porquê?

As bochechas cravadas de sardas cobriram-se instantaneamente de manchas vermelhas irregulares. Pelos vistos, ela ainda acreditava na possibilidade de as coisas voltarem ao sítio e de o irmão aparecer de repente, culpado mas presente.

– Vamos – insistiu Catherine, abrindo a porta de entrada numa exigência muda para pôr fim às hesitações. – É sinal de que está a gostar das aulas – continuou ela. – É sinal de que está bem. Porque é que estás aí especada? – levantou a voz. – Sai lá, para eu poder trancar a porta.

O vão das escadas, mergulhado na penumbra, fedia a urina por causa dos sacos de pó de amoníaco armazenados no rés do chão, ao lado da porta do abrigo antibomba, por um dos moradores do prédio, um russo depressivo que trabalhava numa fábrica petroquímica da baía de Haifa. Trazia-os do trabalho e usava-os como fertilizante para as plantações que tinha na varanda. Quando o tempo era de chuva (como na última semana), os sacos ficavam impregnados de humidade e o fedor químico subia até ao patamar do quarto andar, misturado com os cheiros de cozinha libertados pelos vinte apartamentos.

Os vizinhos, curiosamente, mostravam uma grande tolerância para com aquele perigo público, fosse porque o vão das escadas fedia permanentemente, mesmo sem aqueles produtos químicos; fosse porque uma parte dos sacos servia para fertilizar os relvados em redor do prédio; talvez também porque aquele homem tinha o estranho hábito de descer à noite para fumar, apoiando-se num dos pilares de betão e assinalando a sua presença com o único ponto laranja do cigarro. As crianças que ainda estavam a brincar a essa hora espalhavam toda a espécie de boatos sobre a sua suposta loucura, histórias com ressaibos meio místicos, meio eróticos, e geralmente passavam por ele a correr, retendo entre os lábios crispados risos e gritos de horror alegre.

Macha tateou com a palma da mão ao longo da parede até encontrar o interruptor. À volta, as marcas dos dedos tinham escurecido

o reboco. Tirou da mala uma caixa de fósforos, puxando um com os dentes, partiu-o em dois bocados, enfiou uma das metades na fissura e bloqueou o botão vermelho para que a luz não se desligasse tão depressa e a avó pudesse descer no seu ritmo cadenciado e imperial. Ela, por sua vez, precipitou-se escada abaixo para fugir do mau cheiro. Quando desembocou na laje de betão, percorreu com um olhar indiferente as irmãs de Minsk, cuja atenção despertara. Imaginou-as a formular uma crítica discreta sobre a sua moralidade e sobre a maneira como adorava exhibir a sua ordinarice. Passou à frente delas baloçando ligeiramente o rabo debaixo da saia, bamboleando-se até ao muro sobre os saltos compensados, e sentou-se. Cruzou as pernas e esperou por Catherine. Vadik Krasner continuava no mesmo lugar, vendo o jogo de futebol. Ela quase nunca lhe falava, a esse rapaz. Ele metia-lhe medo com o seu vocabulário de vadio, a sua grosseiria declarada e o desprezo que manifestava por ela em particular e pelo mundo em geral. No entanto, era muito bonito, aquele soldado. Desviou rapidamente a cabeça para não parecer que estava a olhar para ele, como se fosse possível ler nos olhos dela a furtiva excitação que ele lhe despertava. E era inverno, os dias de fevereiro luziam ao sol da tarde, nada iria acontecer e nada poderia de modo algum acontecer. Nessa altura do ano, quanto menos acontecesse, melhor.

Se Victor não fosse tão insuportável, poderiam saborear o ano que aí vinha, com o seu ritmo regular, um ano sob o signo do prazer total de voltarem finalmente a viver juntos após tantos anos de separação dolorosa e desnecessária... Basta. O único desejo que ela tinha em relação às próximas horas era de que as coisas fossem executadas com a precisão requerida: haveria outra justificação para a existência de dias comemorativos (tristes ou alegres), dias com carácter fundamentalmente religioso, apesar de Victor se recusar a perceber isso, porque, pelos vistos, carecia de qualquer capacidade de sentir a solenidade? Segundo ele, os acontecimentos variavam numa escala bipolar, com um ponteiro emocional ora acima de tudo, ora cá em baixo, e isso condicionava a maneira como ele vivia, fazia escolhas e tomava decisões.

O que é que, apesar de tudo, impulsionava o seu tiquetaque caprichoso, o ajudava a desempenhar as suas diversas missões, o que

é que fazia dele um ser humano? Bem, por enquanto, ela contentar-se-ia com vê-lo descer do autocarro e avançar para ela no seu passo leve, saltitante, como se nada no mundo tivesse algum peso. De certeza que se ela, Macha, não lhe servisse de lastro, haveria muito que ele se teria evaporado nos céus, desaparecendo como um balão vermelho cheio de hélio e de despreocupação.

Nada que ver com a bola que, atirada do campo de futebol improvisado, rolou até ao seu pé antes de continuar no sentido contrário, até parar na fronteira entre o passeio e a estrada. Primeiro pensou em ficar sentada e voltou até a cruzar as pernas mas, perante as caritas cheias de esperança que se viraram para ela, não conseguiu manter a contenção que impusera a si própria. Apanhou a bola, colocou-a cuidadosamente à sua frente e, com um pontapé seco, perante os gestos e assobios de encorajamento, lançou-a diretamente para o meio do terreno. A seguir, ajustou a saia e voltou a sentar-se no muro, sem se deixar afetar pelos olhares inquisidores das irmãs de Minsk nem pelo sorriso enfatiado do soldado que sentiu nas suas costas. Virou a cabeça para ver se Catherine estava a chegar, ou pelo menos para perceber por que estava a demorar tanto. Quando os seus olhos se voltaram novamente para a rua, viu um autocarro a afastar-se. E Victor apareceu. Ao longe, parecia ainda mais magro do que o costume, com as suas calças ridículas de boca de sino. A mochila azul-clara em imitação de couro pendurada ao ombro obrigava-o a inclinar-se de lado, como se sofresse de uma qualquer doença degenerativa.

Instantaneamente, sentiu-se invadida por um imenso sentimento de alívio. Enquanto pensava na maneira como iria reagir, voltou-se novamente: «Ufa, avó, o que aconteceu?», lançou bruscamente para Catherine, que passava por entre os pilares de betão. Sem esperar pela explicação (uma história de passe perdido), sentiu as pernas conduzi-la ao irmão, movidas por uma única vontade: agarrar-lhe a orelha e rodá-la em todos os sentidos como um botão do rádio, enquanto lhe daria estaladas com a outra mão num repetido vaivém, outra e outra e mais outra, até libertar toda a raiva e a tarde falhada se encarrilar, levando-os finalmente a bom porto.

– Avó, espera por nós na paragem – ordenou.

Quando chegou à passadeira, teve o cuidado de olhar para a direita

e para a esquerda (era a sua maneira de mostrar a Victor como estava serena e era dona de si mesma) antes de atravessar. Depois parou em frente ao adolescente, que mantinha a sua postura desconjuntada (tinha, todavia, tirado a mochila do ombro e apertava-a com as duas mãos contra a barriga).

Nessa época da vida deles, e apesar dos dezoito meses que os separavam, os dois irmãos tinham a mesma altura. No entanto, por causa dos saltos e da fúria, de repente ela pareceu gigantesca e inacessível a Victor, como se o seu volume tivesse duplicado, à semelhança daqueles animais cujos pelos se eriçam quando veem o inimigo.

– Não vais acreditar se te contar o que me aconteceu – começou ele sem verdadeira esperança e com a voz alterada por uma aflição fanhosa.

Ela olhou-o com um sorriso hermético e os olhos cheios de uma doçura ameaçadora:

– Tens razão, Victor. Não acreditaria se mo contasses. E sabes porquê? Sabes?

O rapaz enfrentou o olhar dela, recusando-lhe o esperado aceno de cabeça.

– Simplesmente porque nunca irei saber o que te aconteceu – continuou. – E nunca vou saber porque nunca te pedirei para mo contares. Se há coisa para que me estou a borrar, é essa. Nem sabes quanto!

Ele baloiçou-se num pé e no outro e apertou um pouco mais a mochila com as mãos, preparando-se para o próximo *round*. Com toda a sua virilidade emergente, tivera a intenção de resistir, mas as palavras da irmã tinham-no apanhado desprevenido: em vez de pôr em causa o seu sentido de responsabilidade – que era o que ele previra –, eis que ela contestava a própria importância do que lhe acontecera, fosse o que fosse. Teve portanto de renunciar à sua estratégia de resignação e optou por um protesto contido, não daqueles que constituem uma verdadeira linha de defesa, não, mas uma atitude de que tinha a esperança de sair com um pouco de dignidade (apesar da humilhação que Macha já lhe infligira):

– Azar o teu, vais arrepender-te. Também havia uma coisa que te queria mostrar. Se visses, desmaiavas, não tenhas dúvidas.

Ela dirigiu-lhe um sorriso caloroso, inclinou a cabeça de lado, e as sobranceiras levantaram-se numa expressão de espanto fingido:

– A sério?

– Está bem, está bem, já percebi, estás-te a borrifar para o que te quero contar. Vá, ’bora, a avó está à nossa espera. Senão vamos mesmo chegar atrasados.

Estas últimas palavras só tinham sido acrescentadas com o objetivo de transformar a preocupação dela numa atitude chata: ainda não estavam atrasados, não propriamente, não definitivamente. Mas essas palavras atingiram apenas as costas de Macha. Já estava a atravessar a rua para ir ter com Catherine, sentada na paragem de autocarro. Parou a meio do percurso no largo terreiro e lançou um olhar para a mesa redonda em volta da qual um grupo de caucasianos de chapéu jogavam gamão. Victor, que não conseguia resistir ao desejo de ter a última palavra, atirou uma frase de que depois se arrependeu (não parou de remoer a vergonha durante todo o trajeto):

– Olha, ficas a saber que sangrei do nariz!

Macha virou a cabeça para ele durante um breve instante, o tempo de mostrar que já não sorria mas antes ria à gargalhada, um riso cruel que lhe descobria os dentes todos, e a seguir apressou-se a ir ter com Catherine na paragem.